A Divisão 18: a identidade de resistência de uma organização *Skinhead White Power* Argentino - Brasileira.

Alexandre de Almeida[1]

Resumo: Este artigo tem como objetivo apreender os elementos constitutivos utilizados na elaboração da identidade de resistência, na concepção de Manuel Castells, de uma organização *Skinhead White Power* intitulada Divisão 18 (ou Divisão Adolf Hitler) composta por argentinos e brasileiros. Esta é uma das diversas organizações exclusivamente *Skinhead* que buscam adaptar o ideário Nacional Socialista dos anos 30 e a cultura *Skinhead* à realidade local no tempo presente. Será utilizado como fonte um concerto musical, ou *Gig*, clandestino realizado no estado de São Paulo, no ano de 1998, em comemoração ao aniversário de 109 anos do nascimento de Adolf Hitler. Neste evento, se apresentaram duas bandas veteranas no cenário *White Power* Sul americano, consideradas porta vozes da Divisão 18: a Argentina *Ultrasur* e a paulista Brigada NS. A partir da análise do repertório apresentado pelas bandas e da rica simbologia dos ornamentos, como bandeiras e tatuagens, pretende-se compreender como este grupo elabora a sua identidade coletiva e a posiciona como uma força de reação à globalização, entendida por eles como responsável pela dissolução das identidades locais e de uma profunda crise social.

Palavras chave: *Skinheads*, Identidade, *White Power*, Divisão 18.

---

[1] Doutorando em História Social, pela Universidade de São Paulo. Bacharel e licenciado em História, pela PUCSP. Na mesma instituição concluiu, em 2004, o mestrado em Ciências Sociais com a dissertação *Skinheads*: os mitos ordenadores do Poder Branco Paulista. Desenvolve investigações sobre processos de construção de identidades, mitologia política, memória e patrimônio, com foco em organizações e movimentos juvenis. Trabalha em projetos de organização de arquivos históricos públicos e privados. Atualmente, coordena o setor de Arquivos Audiovisual e Sonoro do Acervo Presidente Fernando Henrique Cardoso. É pesquisador associado do Grupo de Estudos do Integralismo e outros movimentos nacionalistas (UFF-CNPq) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade (UFABC). Na área de educação, é docente de História para o Ensino fundamental II e Médio na Rede de Ensino Municipal de São Paulo. Email de contato: aledealmeida@yahoo.com.br

The Divisão 18: the identity of resistance of a *Skinhead White Power* organization Brazilian Argentine

Abstract: This article aims to seize the constituent elements used in the preparation of the identity of resistance, in the design of Manuel Castells, a *White Power Skinhead* organization entitled Division 18 (or Division Adolf Hitler) composed by Argentines and Brazilians. This is one of several organizations exclusively *Skinhead* who seek to adapt the national socialist ideology and culture 30 years *Skinhead* to local realities in the present tense. Will be used as a source, or *Gig*, clandestine performed in the State of São Paulo, in the year 1998, in commemoration of the birthday of 109 years since the birth of Adolf Hitler. In this event, if presented two veteran *White Power* bands in South American, considered 18 Division voices port: the argentinean *Ultrasur* and the paulista Brigada NS. From the analysis of the repertoire presented by the bands and the rich symbolism of ornaments, as flags, tattoos and seeks to understand how this group elaborates their collective identity and positions itself as a reaction to globalization, understood by them as responsible for the dissolution of local identities and a deep social crisis.
Keywords: *Skinhead*s, Identity, *White Power*, Divisão 18.

A fragmentação das identidades culturais e o surgimento dos movimentos reativos à "Nova Ordem Global".

Anthony Giddens, Manuel Castells e Stuart Hall afirmam que estamos vivendo em um novo momento, no qual transformações ocorrem em grande velocidade, produzindo, como efeito, a desestruturação da "velha ordem" capitalista. Percebe-se, em suas análises conjunturais, que os elementos centrais desta crise são a reestruturação do capitalismo e do Estado-Nação, que interferem diretamente na vida das pessoas. Como conseqüência desta situação, é possível notar o surgimento de movimentos reativos, com forte base na identidade coletiva.

A identidade que estes movimentos buscam resgatar é entendida como um instrumento que, como aponta Hall (2003), "sutura" o indivíduo à estrutura tornando a

relação entre o mundo e o sujeito em que nele vive mais estável, unificada e previsível. Mas, o que estaria acontecendo exatamente com o mundo contemporâneo e com as identidades?

Para Anthony Giddens (1991), a modernidade se refere às instituições e às formas de comportamento criadas e estabelecidas na Europa após o feudalismo, e que durante o século XX se tornaram mundiais. Este período foi marcado pelo surgimento de um novo tipo de organização do trabalho, o Capitalismo, e de organização social, o Estado Nação. Estes dois símbolos da modernidade estão passando por um radical processo de reestruturação, que se iniciou a partir do último quarto do século XX. Estamos, portanto, vivendo em um momento em que as conseqüências da modernidade estão mais radicalizadas e universalizadas.

Giddens afirma que este período é marcado pelas descontinuidades. Uma faceta deste estado de coisas se refere aos modos de vida, produzidos durante a modernidade, que se desvencilharam das formas tradicionais de ordem social e estabeleceram novas formas de interconexão social global, alterando algumas das nossas mais íntimas características de vida cotidiana.

Manuel Castells (1999) sustenta que vivemos em uma nova sociedade na qual a informacionalização e a globalização conectaram todos os pontos do mundo em uma *gig*antesca e poderosa rede. Esta sociedade, eminentemente globalizada, fruto da reestruturação do capitalismo e da revolução tecnológica dos meios de informação durante o último quarto do século XX, é caracterizada, pela "globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilização, instabilidade e individualização da mão de obra" (Castells. 1999. p 17).

Para Castells, o último quarto do século XX foi o período em que ocorreu o fortalecimento das expressões de identidade coletiva ante a globalização e o cosmopolitismo, consideradas forças que estariam destituindo dos indivíduos suas singularidades culturais e o controle sobre suas vidas e ambientes.

Para Stuart Hall (2003), este momento, marcado pelo descentramento dos referenciais das identidades na sociedade moderna, provocou a fragmentação das "paisagens culturais, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade" (Hall. 2003. p 09), ou seja, a base constituinte da identidade pessoal tida até então como sólida, fragmentou-se deslocando o indivíduo tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de seu sentido "de si" estável.

Assim, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente, é uma fantasia”, afirma Hall (Hall. 2003. p 13). O indivíduo é abordado constantemente por uma “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (Hall. 2003. p 13). Este indivíduo, gerado pela crise da modernidade, se encontra em constante contradição, está solitário e em uma busca desesperada por algo que dê sentido à sua existência. Este processo de crise e fragmentação identitária articula-se com as transformações advindas da constituição de uma “nova ordem mundial”.

Para Castells, a globalização e a informacionalização, apesar de serem fundamentais para a melhoria da produção e dos meios de comunicação, são também, responsáveis pela exclusão de uma parcela significativa da população, cada vez mais ressentida pela “perda de controle sobre suas próprias vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países e, em última análise, sobre o destino do planeta” (Castells. 1999. p 94).

Manifestações reativas, calcadas na “invenção” de identidades coletivas, de acordo com Castells, são elaboradas e colocadas em prática assumindo formatos e almejando objetivos os mais diversos como, por exemplo, a defesa da supremacia branca. Tais manifestações têm como características principais serem comunitárias, contestadoras e expressarem posicionamentos ideológicos variados.

Segundo Castells, muitas destas expressões de identidades coletivas se constituíram como movimentos reativos contra o ataque das forças tecnoeconômicas e os movimentos sociais transnacionais, em defesa da nação, da etnia e de outras inúmeras categorias fundamentais que permitem a sensação de estabilidade da existência humana. Como consequência, o Estado Nação e a democracia são questionadas por estes movimentos, dando espaço a novas propostas de organização social e política, muitas vezes antidemocráticas .

Neste sentido, identidades políticas são estruturadas com o intuito de se contrapor a esta conjuntura denominada por eles como “nova ordem mundial”. Tais identidades podem ser definidas, na acepção de Castells, como identidades de resistência “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos” (Castells. 1999. p 24).

Castells aponta que as novas identidades processadas e assumidas por estes movimentos reativos se constituem a partir de uma complexa mistura de elementos

selecionados na "história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso" (Castells. 1999. p 23), no intuito de reorganizar os seus significados adequadamente às tendências sociais e aos projetos culturais enraizados em sua estrutura social e em sua visão de tempo/espaço.

Surgem assim, redes de ação política global formada por grupos autônomos locais de supremacistas brancos, que tem como base de suas reivindicações a reconquista do espaço político, econômico e territorial que acreditam ter perdido nas últimas décadas, culpando outros grupos étnicos por esta situação. Estes grupos locais se articulam em diversos grupos, entre eles os *Skinhead*s *White Power*[2]. Porém, antes de abordarmos a organização Divisão 18, se faz necessário uma breve apresentação das origens dos *Skinheads White Power*.

As origens dos primeiros *Skinheads White Power*

Os primeiros *Skinheads White Power* surgiram na Inglaterra, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, estavam vinculados, inicialmente, ao *National Front*, um partido político de caráter nacionalista e xenófobo, que os proveu por meio de sua organização juvenil, a *Young National Front* , com a estrutura necessária para a realização de eventos musicais e a produção de discos, na intenção de cooptar uma parcela da juventude que se identificava com seus ideais e ampliar os quadros de filiados. Entre estes jovens, destaca-se *Ian Stuart Donaldson*, membro do partido e fundador da *Skrewdriver,* banda que difundiu internacionalmente o ideário *White Power* em suas canções: o amor à raça e à terra natal, a aversão aos imigrantes e aos judeus e a simpatia pelo Nacional Socialismo.

[2] Poder Branco, em inglês.

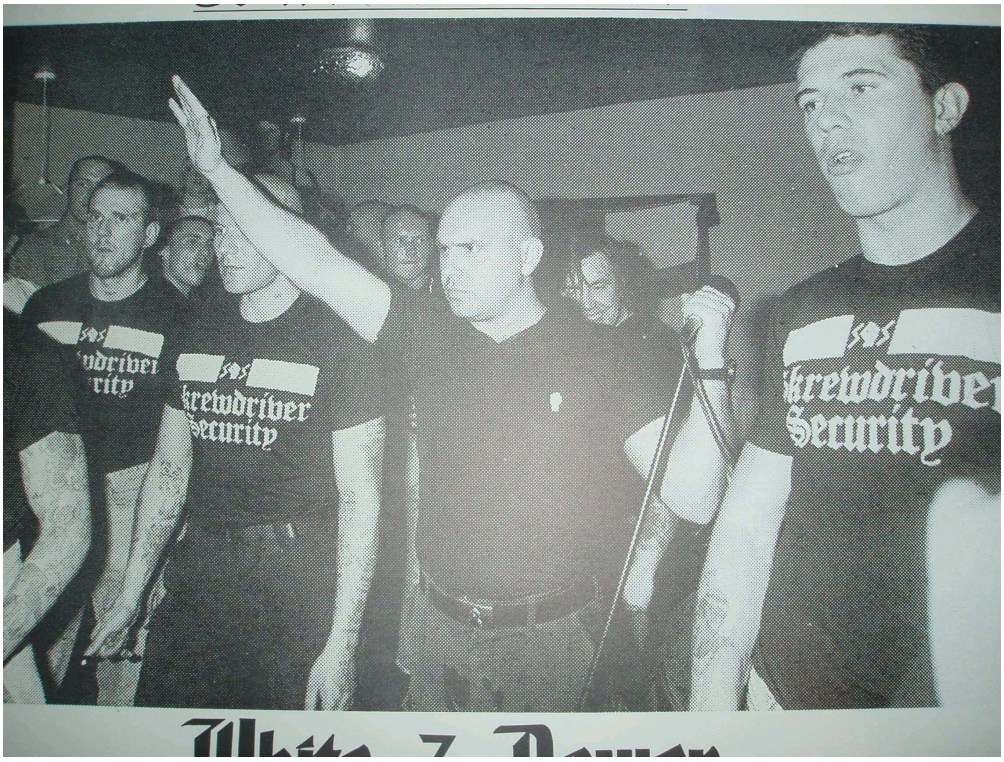

Imagem 1 - Ian Stuart, fazendo a saudação adotada pelos partidários do nacional socialismo, fundador da banda *RAC Skrewdriver* da organização Blood and Honour e uma das principais referências do *White Power* internacional. A sua volta, um grupo de seguranças que protegiam a banda durante suas apresentações. Note os símbolos em suas camisetas, como o punho branco cerrado, um dos símbolos do *White Power* e *a Sieg Rune*, ou Runa da Vitória, símbolo utilizado pelas *Schutzstaffel (*ou *SS)*, a tropa de elite do Terceiro *Reich*.

A banda fundou um novo estilo musical *Skinhead*, o *Rock Against Communism (RAC)*, ou, *Rock* Contra o Comunismo, em contraponto ao *Rock Against Racism (Rock* contra o racismo*)* nome dado a uma campanha promovida pela organização *Anti Nazi League (ANL)* como o objetivo de combater o racismo. Com o tempo, bandas de vários países europeus aderiram a esse estilo e algumas gravadoras[3] passaram a se dedicar a lançar seus discos.

As ideias chaves do *White Power* inglês foram adaptadas por estas bandas de acordo com a cultura de cada país de origem. Desta forma, tomando com exemplo o tema da aversão aos imigrantes, bandas espanholas[4] compunham canções criticando a presença de africanos e sul americanos, oriundos de suas ex-colônias, enquanto bandas alemãs[5] criticavam a presença de turcos.

---

[3] Como a belga *Pure Impact*, a francesa *Rebelles Europeans* e a alemã *Rock-o Rama*.
4 A banda *Division 250* compôs uma música intitulada *EH! Negro*, na qual diz: *"Eh! Negro vuelve a la selva Europa es blanca y no es tu tierra. Robando y mendigando quereís vivir"*.
5 A banda *Bohse Onkelz* compôs em 1979 uma música intitulada *Turken Raus* (Turcos Fora).

No final da década de 1980, os ideais do *White Power* começaram a ser difundidos no Brasil e Argentina por meio de *Skinzines*[6] e canções, estimulando a formação das primeiras bandas do estilo *RAC* nestes dois países.

As origens do *White Power* argentino.

Tomando como base o artigo *Reseña histórica de La scena Skinhead Argentina*, escrite por Tiwaz, e publicado no fanzine Resistência, a cena *Skinhead* Argentina pode ser dividida em duas gerações.

A primeira geração surgiu na década de 1980 na cidade de *Buenos Aires* e era composta por *Skinhead*s com ideais que os diferenciavam dos punks e outros grupos juvenis. Seus principais aspectos eram o "utranacionalismo, orechaço as drogas, oanti judaísmo, oanticomunismo, oculto a amizade e a extrema violência" (*Tiwaz*. [s.d.]).

Segundo o artigo, além destes aspectos outro fator aglutinante era a banda *Comando Suicida*[7]. Fundada em 1983, na cidade de *Buenos Aires*, ela era a grande referência musical argentina da época, pois trazia em seu repertório algumas letras de cunho nacionalista. Entre as canções de seu repertório a mais famosa se chamava *Ultimo Recurso*. Sua letra trata do descontentamento com o governo e conclama os ouvintes a aderir ao nacionalismo de "terceira posição", ou seja, um nacionalismo não alinhado nem com ideais da direita, nem com os da esquerda, pois ambos, segundo a música, eram as causas da crise social argentina.

No que diz respeito a militância em organizações políticas, Twiaz afirma que apesar de alguns *Skinhead*s militarem em organizações nacionalistas, como o *Movimiento Nacionalista Social*, liderado por *Rivanera Carlés*, ainda não havia uma concepção política clara e organizada entre a maioria. Basicamente eram jovens que se "reuniam para beber cerveja, ouvir música e perseguir punks, homossexuais e drogados" (*Tiwaz*. [s.d.]). Em função da violência, e a consequente repressão policial, esta primeira geração de *Skins* argentinos começou a desaparecer a partir do final da década de 1980.

O mesmo artigo menciona que a segunda geração de *Skinhead*s argentinos surgiu na capital federal, por volta de 1993, e, posteriormente, na zona norte da grande *Buenos Aires*. Assumindo-se como *Skinhead*s *White Power* a principal atividade deste incipiente

6 Trocadilho com as palavras *Fanzine* e *Skinhead*. Publicações caseiras, xerocopiadas que tratam de assuntos relacionados a cultura *Skinhead*.

7 Segundo o sítio da banda, o este nome foi escolhido em homenagem aos soldados argentinos que lutaram na guerra das Malvinas.

grupo consistia em promover ataques a shows de bandas punks. Com o tempo estes novos militantes procuraram reconstruir a cena local com a organização de seus próprios concertos musicais e a vinculação a organizações locais, como forma de politizar seus membros.

Assim, vários destes jovens se associaram a uma organização chamada *FIDES* que tinha como objetivo o estudo da doutrina Nacional Socialista, além da realização de campanhas destinadas a difusão do negacionismo do Holocausto e concertos musicais.

Outra organização que contava com *Skinhead*s em seus quadros era o *Movimiento Nuevo Ordem (MNO),* liderado por *Alejandro Franze*. Fundado em 1994, na capital federal, o *MNO* pregava a deportação de estrangeiros, em especial os bolivianos, o combate às drogas, o nacionalismo e o antissemitismo. Algum tempo depois, o *MNO* assume o nome de *Partido Nuevo Orden Social Patriotico (PNOSP)* e consegue cooptar os *skinheads* da capital federal, que fundam uma seção voltada para a juventude dentro do partido conhecida com *Legión Argentina.*

Entre as lideranças *Skinhead*s deste período que mantinham conexões com esta organização, havia um jovem da na zona norte da grande *Buenos Aires*, conhecido por *Teniente*, que em 1993, fundou uma banda chamada *Reacción Violenta*. Um ano depois, após a reestruturação da banda, com a substituição de alguns músicos, seus membros decidem adotar o nome de *Ultrasur*. Apesar de não serem militantes da *Legión Argentina*, os membros da banda *Ultrasur* aceitavam tocar nos concertos musicais realizados por esta organização.

Com uma cena mais politizada, em comparação àquela dos *skins* da primeira geração, o número de adeptos do ideário *White Power* cresce na Argentina e, com isso, aumenta a quantidade de concertos musicais, a maioria clandestinos, e a produção de produtos musicais como as gravações em fitas cassete, conhecidas como fitas demo, muito utilizadas pelas bandas para divulgar seus primeiros trabalhos.

Em meados da década de 1990, a Ultrasur grava a sua primeira fita demo que circula em vários países, inclusive no Brasil, chamando a atenção dos membros da Divisão 18 para a possibilidade de realizar atividades em conjunto com os argentinos.

As origens do *White Power* Brasileiro: o Poder Branco Paulista

Formado em São Paulo no final da década de 1980, a partir de dissidentes dos

Carecas do Subúrbio[8], o Poder Branco Paulista se autodefinia como uma organização de jovens *Skinheads* descendentes de europeus, adeptos do Nacional Socialismo e suas principais bandeiras de combate eram a proteção do "sangue branco paulista" contra a miscigenação, a secessão do Estado de São Paulo e da região Sul do Brasil e um profundo antijudaísmo, pois acreditavam que os judeus haviam elaborado um plano conspiratório com o intuito de destruir a raça branca.

Durante o final da década de 1980 e início de 1990, o Poder Branco Paulista cooptou elementos de outros grupos juvenis (carecas, *punks* e *headbangers*[9]) e conseguiu estruturar células da organização na capital do estado de São Paulo, região metropolitana e em algumas cidades do interior paulista.

A principal forma de cooptação era a música. Bandas como Locomotiva e o Grupo Separatista Branco (GSB) tocavam canções exaltando a identidade européia do paulista, a necessidade de separar o estado de São Paulo do resto do Brasil como forma de evitar a degeneração do sangue europeu e canções com forte teor anticomunista e antijudaico. Muitos jovens, independente do grupo anterior do qual faziam parte, se aproximaram da organização e eram bem recebidos, desde que tivessem alguma descendência europeia e não temessem confrontos com grupos rivais.

Além da música, outra forma de cooptar novos membros para a organização, era por meio dos *skinzines*. Sendo a música um importante instrumento para difundir o ideário do *White Power*, a maior parte do conteúdo dos *skinzines* era dedicada a entrevistas com bandas. Havia também seções de venda de material voltado para este público, como camisetas com estampas de bandas, símbolos (como a suástica e cruz celta) e imagens de Adolf Hitler, fitas cassete com gravações de musicas de bandas *White Power*, livros, discos e anúncios de outros *skinzines* nacionais e estrangeiros, articulando assim, uma rede de informações em âmbito internacional. E Estes *skinzines* tinham nomes que aludiam ao imaginário da organização local como, Raça e Pátria, Orgulho Paulista, Determinação e Coragem e Defesa Paulista.

Apesar de não contar com uma quantidade significativa de membros, por volta do início da década de 1990, o Poder Branco Paulista passou a chamar a atenção da imprensa, de associações de direitos humanos, organizações judaicas e, é claro, da polícia. Por diversas ocasiões os membros da organização se envolveram em brigas

8 Para mais informações sobre a formação dos Carecas do Subúrbio ver: COSTA, Márcia Regina – Os Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo, Ed. Vozes, 1993.
9 Fãs do estilo musical *Heavy Metal*.

como outros grupos contrários aos seus ideais, inclusive contra outros grupos *Skinhead*s não racistas, como os Carecas do Subúrbio e os Carecas do ABC, e em casos de agressões contra pessoas que não tinham nenhum envolvimento com estes grupos, mas que fossem negros ou nordestinos.

O ponto de tensão ocorreu no final de 1992, quando membros do Poder Branco Paulista concederam uma polêmica entrevista ao Programa Documento Especial, no qual fizeram uma série de ameaças e insultos aos judeus, nordestinos e negros e exibiram bandeiras com suásticas. No mesmo período, os jornais publicaram uma série de notícias sobre o envolvimento *Skinheads* em casos de agressões e sobre a pichação de dizeres anti nordestinos na sede da Rádio Atual, cuja autoria foi atribuída aos membros do Poder Branco Paulista.

A dissolução da organização foi motivada pela intervenção da Polícia Federal brasileira que, em 1992, deteve vários membros. Este episódio foi chamado pelos *Skinhead*s brasileiros de "caça as bruxas", no qual diversos boatos sobre agentes policiais e da comunidade judaica infiltrados no grupo e traições circularam em *skinzines* e, posteriormente, na *internet*. Apesar disto, a organização que ficou desarticulada por algum tempo, ressurgiu.

A formação da Divisão 18

A rearticulação ocorreu por volta de 1995 com o surgimento de pequenos grupos, entre eles a Divisão 18. Apesar da forte repressão policial no final de 1992, o episódio foi visto por eles como uma forma de selecionar os indivíduos que realmente tinham algum comprometimento com a causa. Segundo o panfleto intitulado "História (a verdadeira) do movimento *Skinhead* no Brasil", a formação do grupo foi um processo natural no qual:

> Gradativamente, os elementos fracos de espírito, covardes, oportunistas, 'rebeldes de final de semana' e outras nulidades, vão sendo expelidos. Com diretrizes objetivas e o propósito claro da incondicional luta pela Sobrevivência Branca, aprimoramento e expansão racial surge a Divisão 18. (Divisão 18. [1997])

Segundo informações concedidas por um entrevistado[10], a Divisão 18 "primava pela qualidade de seus militantes do que pela quantidade", pois na obsessão de possuir muitos adeptos, a maioria taxada como "nulidades", tornou a organização alvo de ações policiais.

Em entrevista ao site *Front 14, o* porta voz da Divisão 18, que se identifica com o pseudônimo *Wolf* (lobo), define a sua organização como:

> (...) indubitavelmente a única organização realmente Nacional Socialista em atuação local, isto que dizer, trabalhamos ativamente pelas nossas crenças como nacional ativistas (não como "hooligans bêbados" ou mestiços membros de muitos grupos patéticos com suas autodestrutivas atitudes estúpidas). Muitas das atividades promovidas vão da produção e distribuição de materiais(como livros, informativos, adesivos autocolantes, camisetas, Cds, etc...) até ações diretas (colagem de cartazes em locais estratégicos, distribuição de panfletos e propagandas nas ruas, etc...) em campanhas contra a miscigenação, drogas, homossexualidade e outras pestilências (frutos podres do judaísmo). (*Wolf*. [s.d.])

Wolf segue dizendo que o tema dos livros distribuídos tratava da negação do holocausto[11]. Quanto à produção musical "pró-brancos", destaca-se o *Compact Disc* da banda Brigada NS (Brigada Nacional Socialista), antigo Grupo Separatista Branco – GSB, intitulado "O Retorno da Velha Ordem", criada, segundo o entrevistado:

> (...) com o objetivo primordial de ser um instrumento da causa racialista local. Achamos que ela é a melhor forma para espalhar nossa mensagem neste decadente mundo "moderno", por que a maior parte dos jovens não lêem livros. Por meio de músicas com letras pró brancos nos podemos promover a revolução branca (vital para nossa existência) e 'acordar' os jovens brancos de todo o mundo. (*Wolf*. [s.d])

Com o tempo, a Divisão 18 ganhou reconhecimento internacional e isso possibilitou estabelecer contatos com grupos fora do país, não mais para troca de material, como se fazia antes, mas para expandir os limites de atuação do grupo. Um destes contatos foi

10 Realizada por email, em 2000.
11 Em contato por email, no ano de 2001, recebi uma lista de livros distribuídos pela Divisão 18, por meio de sua distribuidora, a *Werwolf Services*. Entre eles destaco "Os Protocolos dos Sábios do Sião" e "Holocausto Judeu ou Alemão, nos bastidores da mentira do século", ambos publicados pela editora gaúcha Revisão.

com a banda argentina *Ultrasur* que, segundo o mesmo entrevistado, realizou um show, ou *Gig*, clandestino, intitulado *Adolf Hitler Memorial Concert 109 YF* [12], com o objetivo consolidar a formação de uma seção da Divisão 18 na Argentina.

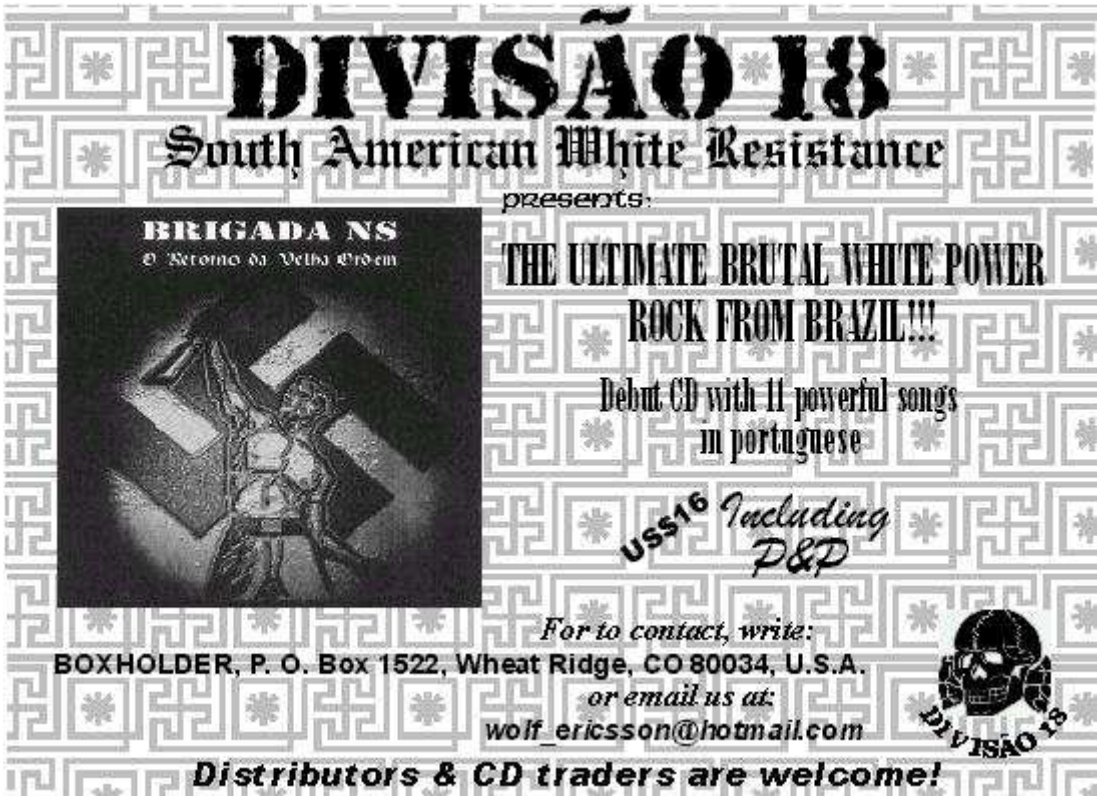

Imagem 2 - Flyer (ou panfleto) virtual publicizando o lançamento do *Compact Disc* intitulado "O retorno da velha ordem", da banda paulista Brigada NS. A caixa postal (P.O.Box) para encomendas pertence á distribuidora *MSR Productions*, localizada no estado do Colorado, Estados Unidos. Especializada na distribuição de produtos ligados a supremacia branca, a venda do CD pela *MSR Productions* possibilitou que a banda divulgasse seu material em âmbito global, além de evitar problemas com a polícia brasileira, caso a distribuição fosse realizada pelos membros da organização.

A *Gig* em memória a Adolf Hitler

Realizada em 1998, o *Adolf Hitler Memorial Concert 109 YF* reuniu cerca de quinze membros da Divisão 18, entre argentinos e brasileiros, para comemorar o aniversário natalício de *Adolf Hitler*, considerado por eles como "um grande homem da história e líder espiritual" (*Wolf*. [s.d]). O evento foi dividido em duas partes: o concerto musical, a *gig* propriamente dita, e no dia seguinte, a realização de um churrasco, no qual chama a atenção um bolo de aniversário decorado com a Bandeira de Batalha do Reich, confeccionado para a ocasião. Como o ponto central do evento é a *gig*, irei me

12 Years of the Füher

deter mais na sua análise e não no evento do dia posterior.

A função desta *gig Skinhead White Power*, além do lazer, é reafirmar a fidelidade dos participantes à causa, os laços de amizade e o momento para homenagear indivíduos mortos em brigas com outros grupos, elevados a categoria de mártires. As ideias chave presentes no repertório apresentado pelas bandas remetem a temas relacionados à supremacia do euro descendente, o segregacionismo racial e o combate aos judeus, vistos como conspiradores.

Postulo, portanto, que estas três idéias chave se configuram como mitos políticos, segundo a interpretação de *Georges Sorel* (1993), essenciais para a construção da identidade de resistência dos *Skinheads White Power*, pois se tratam de manifestações das convicções estabelecidas pelo imaginário dos indivíduos que compõem o grupo. Tais mitos estão presentes na *gig*, tanto nas músicas quanto nos ornamentos, sejam eles bandeiras, tatuagens ou mesmo um bolo de aniversário. Sua função é "mobilizar os espíritos, reordenar os significados dos espaços e do papel dos indivíduos, unificar o grupo em torno de um ideal comum e motivá-los para o combate" (Almeida. 2004. p 74).

Imagem 3 - Bolo confeccionado para o evento em comemoração ao aniversário natalício de Adolf Hitler.

A gravação começa mostrando membros da Divisão 18, no espaço onde se

realizará o concerto, exibindo suas tatuagens e fazendo a saudação nacional socialista, como forma de demonstrar força e virilidade, ainda que seja possível perceber algum constrangimento por conta do grau de comprometimento em se deixar filmar.

No espaço do concerto percebe-se uma grande quantidade de bandeiras com o objetivo de marcar o território, posicionamentos ideológicos e demonstrar força e coesão. Há basicamente dois tipos: bandeiras históricas como a Bandeira de Batalha do Terceiro Reich, da Juventude Hitlerista e a do *NSDAP*[13] e bandeiras próprias dos *Skinhead*s *White Power*, como a bandeira com a cruz celta e o estandarte da Divisão 18.

Esta relação entre passado e o presente pode ser interpretada como uma forma dos *Skinhead*s presentes demonstrarem sua lealdade ao Nacional Socialismo e se afirmarem com os herdeiros do *Terceiro Reich* no tempo presente. Não se trata, portanto, de um simples *show* de *rock*, mas uma espécie de comício partidário. Os participantes do evento são mais do que espectadores ou músicos, são soldados políticos que acreditam compor um grande exército de *Skinhead*s.

Como opção metodológica para análise do repertório musical, dividi as canções em dois grupos temáticos: aquelas que definem os inimigos da raça branca e as que fazem apologia à raça branca e a necessidade de formar um exército contra o inimigo. Esta opção também nos permite verificar a presença dos três mitos políticos que fundamentam as ações e discursos desta organização.

Os inimigos da raça branca identificados nas letras são os negros, nordestinos e judeus, cada qual portador de características definidas pelos membros da Divisão 18 como prejudiciais a sobrevivência da raça branca.

Os nordestinos são representados na música “Migração”, executada pela banda Brigada NS como uma “espécie apodrecida”, uma “grande peste”, que migra para o estado de São Paulo e, por meio da miscigenação, destrói a cultura paulista e impede os autóctones de “viver em paz”.

Os negros são apresentados na música “Peste Negra, também executada pela banda Brigada NS”, como indivíduos primitivos, responsáveis pelo alto índice e criminalidade no estado de São Paulo e portadores de elementos culturais incompatíveis com a cultura local, como o gosto pelo samba e o alto índice de natalidade.

Quanto aos judeus, as duas bandas apresentam músicas sobre o tema, e tratam os judeus sob a ótica do conspirador. A música “Sábios do Sião” deixa esta idéia evidente.

13*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* ou Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

Inspirada no livro "Os Protocolos dos Sábios do Sião", traduzido para o português pelo escritor Gustavo Barroso, na década de 1930, a banda Brigada NS, apresenta, em linhas gerais, as principais características da conspiração judaica, baseada no controle da economia, na subversão dos valores morais e do orgulho racial.

> Lobos em pele de cordeiro/ Dominam a economia mundial/ Causam miséria e fome/E combatem todo o orgulho racial/Corrompem toda a mocidade com o ensino subversivo/Destroem a vida em família e dominam as pessoas pelo o seu vício/ Acordem homem branco e lute contra o sionismo/ A cura para essa praga é o nacional socialismo/Destroçam os povos com sofrimento/Preparam a agonia dos estados/ Criam angustias e privações/ Por que a fome gera escravos

Outras músicas executadas na g*ig* procuram esclarecer o suposto plano de domínio mundial executado pelos sionistas/judeus, a saber: "Judeucracia", "*Tele-sion*" e "Imprensa".

Em Judeucracia, a banda Brigada NS considera que a democracia não permite a liberdade de expressão dos adeptos do Nacional Socialismo e intervém sempre a favor dos judeus, em detrimento dos países mais pobres ou de movimentos que enaltecem o orgulho identitário. A democracia seria, portanto, um modelo político voltado para a dominação dos povos pelos judeus.

Em "Imprensa" e "*Tele-sion*"[14], executadas pelas bandas Brigada NS e *Ultrasur*, respectivamente, a mídia é representada como deturpadoras da verdade em favor dos judeus e de Israel. Como exemplo, cito um trecho da música "imprensa" que diz "a vitimização sionista/ Sugam o sangue da Alemanha até hoje em dia/ Para Israel se armar contra a palestina".

Expressões tratando a mídia como um "curral dos filhos do Sião", ou "um canal que parece mais um Sinagoga", na canção "Tele-sion", procuram convencer o ouvinte de que os meios de comunicação têm judeus como principais protagonistas e, portanto, qualquer tipo de reação contra será censurada. Como exemplos, são citados duas famosas personalidades da mídia argentina ligadas a comunidade judaica local: Adrían Suar e Gerardo Sofovich.

14 Trocadilho em espanhol com palavra *television*.

Imagem 4 - Apresentação da banda argentina Ultrasur. Note o estandarte da Divisão 18, no centro da imagem, junto a símbolos utilizados pelos *Skinheads White Power*, como a Cruz Celta estampada na bandeira que cobre a bateria e bandeiras históricas do Terceiro Reich, como a Bandeira de Batalha do Reich, no canto superior à direita.

Na concepção dos membros da Divisão 18, para combater esta situação a violência, a única alternativa para "purificar" seu território das "pestes" (negros, nordestinos e judeus), e por fim a dominação judaica. Neste sentido, músicas que visam estimular a belicosidade compõe a maior parte do repertório apresentado pelas bandas.

A idéia de formação de um exército *Skinhead* remonta aos Carecas do Subúrbio. Costa (1993) ao analisar os Carecas do Subúrbio, afirmou que o objetivo do grupo era a formação de um exército de carecas suburbanos para salvar o Brasil dos inimigos da pátria, como as empresas multinacionais e governantes corruptos. No caso dos *Skinhead*s *White Power*, o objetivo da formação de um exército é salvar a raça branca da destruição.

Músicas como "Sobre sinagogas", "Revolução Branca", "Nacional Socialista", de autoria do Brigada NS e "Punho de aço" e "Caído em Combate", de autoria do *Ultrasur*, demonstram a disposição dos membros da Divisão 18 para a luta "pró-branco" contra os judeus, postulando a condição de vanguarda de exército que realizará revolução Nacional Socialista mundial.

Em "Sobre sinagogas", a banda Brigada NS, prega que todo adepto do nacional Socialismo deva portar armas para combater os judeus e defender seu país. Ao mesmo

tempo deve cooptar indivíduos dos estados da região sul do Brasil[15] para a causa. O elemento agregador é o orgulho da ancestralidade europeia e o orgulho de ser branco.

> Iremos erguer a nossa bandeira sobre sinagogas destruídas inteiras/ Os irmãos dos estados sulistas irão se conscientizar/que o nacional socialismo/ É o que devem adotar/ Pátria, pátria dever não é servidão/ Portamos armas a serviço da nação/ Pátria pátria Um líder nos despertou/ Que devemos nos orgulhar do sangue que nos gerou/ Iremos marchar sobre nossos inimigos/ De cabeças erguidas/ Cada vez mais unidos/ E aos sionistas nós dizemos não/ O nosso estado, eles não mais dominarão.

Em "Revolução Branca", a banda paulista complementa que a guerra contra a ZOG (sigla da expressão Zionist Occupation Government", ou, Governo de ocupação Sionista) é fundamental para a salvação da raça branca e deve ser travada ainda que implique no sacrifício pessoal de cada indivíduo. A expressão ZOG reforça a idéia da influência dos judeus sobre a nação, pois, além dos meios de comunicação, os governos também estariam a serviço dos judeus:

> *Skinhead*s peguemos as armas/ Que se incia a revolução/ Estamos em guerra e até o fim lutaremos pela nossa salvação /*Skinhead*s ataquem o zog lutem por nossa libertação/ Sacrifiquem-se pela nossa revolução/ Não há mais alternativa/A raça branca pede socorro/ Nossa união é a única saída.

A banda *Ultrasur* apresenta uma música tratando do mesmo tema. Em "Punho de aço", enfatiza que a luta contra os judeus é a uma luta inexorável pela liberdade e dignidade da raça branca e da nação.

> Com a mesma fúria de 88/ batalhão careca exército iminente/ Das cinzas estamos ressurgindo e o fim está próximo não é a rendição/ *Skinhead*s! Nacional Socialista/ Punho de aço contra o regime sionista/ Por nossa terra, por nosso ideal/ Lutar até vencer, orgulho e dignidade/ Dormir é a agonia, render-se é traição/ solução final para nossa salvação/ busquemos logo a sagrada liberdade e assim nossa nação poderá respirar/ o Poder Branco em unidade mundial/ Até a vitória e o caos terminará.

A última canção citada, "Caído em combate" presta homenagem ao *Skinhead*

15 Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

argentino Marcelo Scalera morto em 28 de abril de 1996, por causa de ferimentos decorrentes de uma briga com militantes de esquerda no parque Rivadavia, localizado em Buenos Aires. Segundo o site Nuevorden, Scalera era membro do MNO e se reuniu naquele dia com outros membros do grupo para defender o ponto de venda de materiais nacionalistas mantido pelo chefe da organização, Alejandro Franze, em função da realização de um concerto musical patrocinado por organizações de esquerda em homenagem a Walter Bulaccio, morto por policiais.

Scalera é descrito na música como um "valente guerreiro", que "morreu como um guerreiro em defesa de seus ideais" e repousa agora "protegido por Odin". De acordo com o artigo "*Marcelo Scalera – Muerto em heroico combate contra La sub-humanidad Judeo-Comunista*", *o* heroísmo de Scalera é reforçado pelo fato dos *Skinheds* estarem em número inferior naquela ocasião.

Outros aspectos chamam a atenção na filmagem deste evento. A ausência de bebidas alcoólicas, cigarros e drogas ilícitas, demonstrando que os membros da Divisão 18 procuram manter a coerência entre o discurso e a prática, reforçando a ideia que eles se concebem como os verdadeiros *Skinheads White Power*, em contraposição aos outros grupos que aceitam pessoas que consomem drogas lícitas ou não.

Também não há brigas, pelo contrário, percebe-se um ambiente marcado pelo respeito, ainda que a dança seja caracterizada pela agressividade dos que a executam e a postura belicosa e sisuda de muitos de seus membros nos leva a acreditar, equivocadamente, que o ambiente está carregado de tensão. Um ponto curioso da *gig* é o momento em que um homem, notadamente nordestino, talvez o caseiro do sítio, se aproxima do local do evento e é filmado, enquanto a banda Brigada NS está tocando. Este homem não é agredido, nem verbalmente. Ao contrário, é ele quem constrange alguns membros do grupo simplesmente com a sua presença.

Considerações finais

A análise deste evento, ainda que de um modo superficial, indica a necessidade de apurarmos o nosso olhar quando se trata de estudar fenômenos culturais, geralmente tratados pela grande mídia e até mesmo pela academia de forma homogênea e generalizante. Neste ponto, a contribuição do antropólogo norte americano Clifford Geertz (1978), a respeito do que ele nominou como "descrição densa" de uma determinada cultura (ainda que neste artigo não tenha sido realizada em sua plenitude),

nos permite entender, como aponta Geertz, a teia de significados tecida pelo próprio homem se ela é uma importante ferramenta de trabalho para aqueles que querem transpor os limites interpretativos impostos pelo senso comum.

O ponto central desta questão é chamar à atenção para a importância em perceber as singularidades, quando se pretende analisar segmentos da juventude que optam por um estilo espetacular, pois isto evita que as generalizações venham a dificultar ainda mais a diferenciação de grupos como os *Skinheads*. Por isso, a atenção deve ser redobrada quando se investiga um grupo que se formou a partir de dissidentes, mas que mantém alguns aspectos visuais imediatamente identificáveis.

Assim, o esforço empreendido neste artigo se concentrou na compreensão sobre como a organização analisada construiu sua identidade como uma forma de se distinguir e contrapor a grupos semelhantes, e como ela se posiciona contra o que consideram ameaças ao seu modo de vida.

Fontes das imagens

1.http://politicalsoldier.netfirms.com/shop/catalog/images/poste/skrew/20wp.jpg. Acesso em 14/10/2010.

2.www.libreopinion.com-ptns-folder-mp3-brigada/ns.htm/180301\BRIGADA NS.doc.htm. Acesso em 17/03/2001.

3. Divisão 18 - *Adolf Hitler Memorial Concert* 109 YF. 1998, DVD.

4. Divisão 18 - *Adolf Hitler Memorial Concert* 109 YF. 1998, DVD.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Alexandre de. *Os mitos ordenadores do Poder Branco Paulista*. São Paulo, 2004. Dissertação de mestrado, PUCSP. 112 páginas.

CASTELLS, Manuel – *O poder da identidade. A era da informação, política e sociedade* vl. 02, São Paulo, Editora Paz e terra, 1999. 530 páginas.

COSTA, Marica Regina – *Os Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo, Ed. Vozes, 1993. 232 páginas.

GEERTZ, Clifford James - *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editoriais, 1978. 213 páginas.

GIDDENS, Anthony - *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Editora UNESP, 1991. 177 páginas.

HALL, Stuart – *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2003. 102 páginas.

LOWLES, Nick – *White Riot: The violent story of Combat 18*. Bury, Milo Books, 2001. 338 páginas.

SOREL, Georges – *Reflexões sobre a violência. São Paulo*, Editora Vozes, 1993. 287 páginas.

Fontes

Marcelo Scalera – Muerto em heroico combate contra La sub-humanidad Judeo-Comunista. Disponível em: http://www.nuevorden.net/m_05.html. Acesso em: 14/10/2010.

Brigada NS - RAC from Brazil. Disponível em: www.front14.org/vnat/brigada/ns.htm. Acesso em: 10/12/2000.

Tiwaz. Reseña histórica de La scena Skinhead Argentina. Fanzine Resistência, nº 2, sem data, Argentina

Audiovisual

Divisão 18 - *Adolf Hitler Memorial Concert* 109 YF. 1998, DVD.

Programa Documento Especial. *A cultura do ódio.* Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), São Paulo, 1992.

Sonoro

Division 250. Sangre de Conquistadores. Valencia: produção independente, 1992, CD.

Brigada NS. *O retorna da velha ordem*. [s.l]: Divisão 18 P*roductions*, [1997]. CD

Comando Suicida. *Ultimo Recurso*. Buenos Aires: *Invasion 88*. *Radio Tripoli Records*, 1988. Cassete.

Documento

Divisão 18. Panfleto. *"História (a verdadeira) do movimento Skinhead no Brasil"*. [1997]

Recebido em setembro de 2012

Aprovado em novembro de 2012.